

INTOLERÂNCIA CONTRA AFRO-RELIGIOSOS: Conhecendo o candomblé dentro da sala de aula¹

Victor Antônio Bispo de Araújo²
Augusto Cesar Acioly³

RESUMO

O presente artigo traz análises sobre atos de intolerância contra afro-religiosos, que acontecem no Brasil, destacando um caso específico em Pernambuco, levantamento de dados do crescimento de adeptos das religiões presentes em solo nacional, ligadas diretamente ao cristianismo, como o número de igrejas neopentecostais. E como crescimento está ligado direta ou indiretamente ao número de casos de intolerância envolvendo neopentecostais ao “povo de santo”. Qual o papel da escola na tentativa de interferir ou amenizar essa situação? O histórico de casos de intolerância presentes desde a chegada dos portugueses na colônia à entrada da República brasileira. E o trabalho em sala de aula para conhecer particularidades presentes dentro do Candomblé, que são mal vistas pela sociedade brasileira. Nossos Objetivos são analisar o processo de construção histórico do preconceito afro-religioso na sociedade brasileira e como trabalhar essa temática em sala de aula. Para isso metodologicamente usamos a pesquisa bibliográfica de cunho qualitativa e uma análise crítica da experiência do PIBID. Como resultado fica evidente o preconceito com relação às religiões de matrizes africanas e intolerância por meio de alguns. A falta de conhecimento sobre a afro-religiosidade demonstrou que persiste um desinteresse por parte de muitos professores da educação básica em buscar conhecer e trazer debates sobre as religiões afro-brasileiras em sala de aula.

Palavras-chave: Intolerância contra afro-religiosos. Candomblé. Ensino de história.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tendo em vista analisar como o processo de construção histórico do preconceito afro-religioso na sociedade brasileira constituiu-se, levando em consideração os casos de intolerância afro-religiosa, onde as simbologias e características marcantes do Candomblé são demonizadas. Para isso seguimos a linha de raciocínio em utilizar o espaço das intervenções e projetos, enquanto, possibilidade de discutir questões como preconceitos e estereótipos com relação à cultura e religiosidade afro-brasileira, instigando os alunos a pesquisarem e conhecerem essa religião de resistência para desmistificar, e romper a associação dela com rituais satânicos.

O nosso objetivo geral consiste em analisar o processo de construção histórico do preconceito afro-religioso na sociedade brasileira e como trabalhar essa temática em sala de aula. Para isso procurou-se expor casos de atos de intolerância presentes no território pernambucano, os autores das agressões e por quais motivos alegam esses atos de violência física e moral para com as pessoas adeptas desse, ou qualquer outro segmento afro-religioso.

¹ Artigo resultante de pesquisa, em Subprojeto do PIBID do Curso de Licenciatura em História do Centro de Ensino Superior de Arcoverde – CESA, apresentado no Simpósio Temático Ensino de História e PIBID: Relatos de experiência e construção do conhecimento e ensino de história no XVII Encontro Estadual de História, evento da Associação Nacional de História - ANPUH – PB/ I encontro estadual do PIBID em história, nos dias 18 a 22 de julho de 2016, no município de Guarabira, Paraíba.

² Aluno de Licenciatura em História do CESA. Bolsista do PIBID do Subprojeto de História do CESA. Contato: byracy@hotmail.com.

³ Doutor em História pela UFPE e professor de História do CESA. Orientador do artigo. Contato: cesa_historia@hotmail.com.

Como também levantar quais ações os professores devem tomar em sala de aula para a efetivação da temática exposta.

O papel da escola como instrumento de pesquisa e reflexões sobre a diversidade religiosa, presente em nosso território brasileiro, recheado de características étnico-culturais que devem ser trabalhadas detalhadamente, focalizando a influência afro-brasileira na construção de nossa identidade nacional. A partir de experiências vividas durante intervenções financiadas pelo Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência-PIBID. Em que o mesmo, é um programa de incentivo e valorização do magistério e de aprimoramento do processo de formação de docentes para a educação básica, vinculado a Diretoria de Educação Básica Presencial-DEB, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- CAPES.

A má interpretação dos significados de cada processo presente no Candomblé, em relacionar as religiões afro-brasileiras como sendo rituais de feitiçaria e malignidade aos cultos aos Orixás, fazendo necessariamente, uma comparação a cultos que referenciam o diabo ou espíritos maléficos. Como as intervenções foram executadas na Escola-campo: *EREM SENADOR VITORINO FREIRE*, a partir delas, resolvemos desenvolver uma pesquisa relacionada aos casos de intolerância afro-religiosa no Brasil, e como trabalhar essa temática em sala de aula de maneira diferenciada, como costumamos fazer em cada intervenção, utilizando uma visão filmográfica para abordarmos de maneira clara e precisa, gerando assim uma boa compreensão, onde os alunos sentem-se a vontade para comentarem e indagarem sobre aspectos trazidos durante qualquer projeção.

O artigo divide-se em quatro momentos, no primeiro momento apresentamos a Intolerância contra os Afro-Religiosos e as análises em cada caso, possíveis atuações em que o professor iria extrair indagações para uma reflexão sobre esses casos, de violência moral e religiosa, o crescimento do número de igrejas neopentecostais e os fanáticos que frequentam esse segmento com uma má interpretação bíblica, resultando no aumento dos casos e denúncias de intolerância.

No segundo momento apontamos dois dos instrumentos de propagação e incentivo aos atos de violência aos terreiros e perseguições, os Jornais “*A Tarde*” e “*Diário de Notícias*” dois dos maiores instrumentos de comunicação da Bahia durante a década de 20. As justificativas para perseguirem a religião afro-brasileira desde a colonização até a república, onde os casos tornaram-se visíveis.

No terceiro momento tratamos de analisar como as religiões de matriz africanas poderiam ser tratadas em sala de aula, segundo Aragão (2015) e Marques e Novais (2015), ao trazer a discussão de que a escola deve ser um espaço privilegiado para que os preconceitos e a intolerância sejam erradicados de maneira discursiva, a utilização da pesquisa, projetos e intervenções interdisciplinares entre os professores e alunos, poderão ser questionadores desta realidade, tendo as diversas culturas e suas religiões como centro deste debate. Marques e Novais ao trazerem depoimentos de pessoas que já foram vítimas de racismo, preconceito e perseguição religiosa em Petrolina-PE, fortalece a necessidade de ter em vista enfatizar para o que é sagrado para determinado seguimento religioso dentro de uma cultura, suas práticas de ritualização, sejam compreendidas como norteadoras em um processo de pesquisas dentro do espaço escolar.

E por fim nossa conclusão a respeito do tema, e como o mesmo é e pode ser tratado, nas escolas.

Para aprofundar nossa busca no sentido de desvelar nosso objeto de pesquisa e responder ao nosso problema, partimos no sentido de escolher o caminho metodológico que melhor amoldar-se aos nossos interesses de pesquisa.

Como universo de pesquisa optou-se por uma investigação dos livros, artigos e sites publicados, que discutem questões ligadas a área de conhecimento que, trata da história africana e afro-brasileira.

1 CONHECENDO A INTOLERÂNCIA AOS AFRO-RELIGIOSOS: ANÁLISE DE CASOS E POSSÍVEIS ATUAÇÕES

Um dos assuntos que gerapolêmicas hoje em dia são manifestações de atos de intolerância religiosa, dentre eles aos que se referem às religiões de matriz africana, como o Candomblé e qualquer outro segmento afro-religioso, mal vistos pela sociedade brasileira, devido todo um histórico de marginalização e perseguições por consequência do proselitismo Cristão representado por parte da religião predominante do país, o catolicismo que durante os períodos colonial, imperial e ainda com forte influência no início da república.

Claro que atribuir todos os focos de intolerância tendo como protagonistas apenas os evangélicos estaríamos generalizando, mas localizar e focalizar os fanáticos que utilizam má interpretação bíblica para disseminar ódio, e ignorância para com as pessoas devotas do Candomblé ou qualquer outro tipo de seguimento afro-religioso se faz necessário. Com o crescente número de igrejas de matriz evangélica, ligadas ao *neopentecostalismo*⁴ em território nacional, tem se materializado cada vez mais no interior desta abordagem religiosa, um entendimento de combate a cultos e posturas que vão de encontro com o pensamento destes setores, a força deles se faz presente em vários espaços da sociedade, inclusive nas esferas de decisão políticas como: câmara de vereadores e assembleias legislativas, o que tem contribuído para que algumas discussões em determinadas comissões tenha sido travadas e não desenvolvidas pela pressão destes segmentos. O que se materializa apenas em difusão do ódio, o desprezo e a tentativa de conversão imediata de fiéis afro-religiosos. (SILVA, 2007)

Como o número de evangélicos cresce vertiginosamente nos últimos anos, só para termos ideia, segundo a pesquisa do IBGE, entre os anos de 2000 e 2010, a população evangélica no país saiu da casa dos 26,2 milhões para os 42,3 milhões de pessoas na sociedade brasileira. A proporção dos evangélicos em relação à população do país avançou de 15,5 por cento para 22,2 por cento. Em 1991, eles representavam apenas 9% da população. Pelos critérios da pesquisa os evangélicos reúnem religiosos de missão, pentecostal e outras correntes não determinadas. REUTERS BRASIL. (2012) Com base nesse percentual de evangélicos percebemos que a intolerância afro-religiosa vivida hoje recebe muita influência da marginalização por meio de discriminação religiosa e um sincretismo distorcido. (ALMEIDA e MONTEIRO, 2001).

Desta forma, percebemos que os casos de intolerância afro-religiosa estão ligados diretamente a evangélicos fanáticos que agridem e não aceitam os segmentos afro-religiosos do “*povo de santo*”, primeiro por não conhecerem profundamente as práticas e doutrinas defendidas pelos adeptos destas religiões, e em segundo, pelo fato de praticarem uma posição de imposição da sua religião como a única e correta chave explicativa para a realidade. Mas ao declararem sua fé e tentar impô-la utilizam de visões recheadas de estereotipização e quase sempre, de agressões físicas, fato presente em nossa sociedade, e cada vez vem aumentando suas proporções, como podemos comprovar através do número de denúncias realizadas. De acordo com o disque 100 as denúncias de agressões e atos de ignorância relacionados à intolerância afro-religiosa cresce gradativamente desde 2011. Foi mais de 252 casos reportados em 2015 ao serviço da secretaria de Direitos Humanos do

⁴O *neopentecostalismo* -em consequência significa a crença de que é preciso eliminar a presença e a ação do demônio no mundo, tem como característica classificar as outras denominações religiosas como pouco engajadas nessa batalha, ou até mesmo como espaços privilegiados da ação dos demônios, os quais se “disfarçariam” em divindades cultuadas nesses sistemas. (SILVA, 2007)

Governo Federal. Houve um aumento de 69% em relação a 2014, quando foram registradas 149 denúncias. AMORIM, UOL (2016).

Ao trazermos a tona informações do comprometimento nessa religião em trazer o equilíbrio entre homem e universo natural, acabamos demonstrando a afro-religiosidade como tema que deve e pode ser levado para dentro da escola como forma de estudo e pesquisa. (MARQUES e NOVAIS, 2015).

2 DE ONDE VEM TANTO ÓDIO? À NASCENTE DA INTOLERÂNCIA!

Para entender de onde vêm tanto ódio, as justificativas que alegavam a necessidade de acabar com as práticas religiosas podem ser percebidas por OLIVEIRA (2014). Onde ele diz que os motivos pelos quais o Candomblé passou a ser perseguido em todo o Brasil, sendo que as perseguições aconteceram com a finalidade de banir da cidade e do país essa representação do atraso proveniente da presença negra e tudo que derivasse de sua existência na composição da população. Tanto é que para isso a utilização da força policial e a criação de leis tiveram forças no incentivo de extinguir toda e qualquer manifestação representada por negros.

A intolerância conta a afro-religiosidade teve início com grau de perseguição e racismo durante o processo republicano brasileiro, este processo se deu de forma pacífica, em um golpe de estado sem muito estardalhaço, tendo como objetivo principal o estabelecimento de políticas nacionais que assegurassem o poder da oligarquia cafeeira de São Paulo (Mattos 2010), paralelamente a esse golpe de estado, o Brasil tinha acabado de abolir a escravidão, e os que antes eram desprezados por serem escravos ou negros livres, agora teriam que ser tratados como qualquer homem livre perante a República.

Para uma sociedade onde o catolicismo imperava e tinha grande força, pois era a religião oficial da Colônia e do Império, ou seja, a religião dos dominantes, que ditava as regras e valores morais a serem adotados pelas “boas” famílias e por todos aqueles que desejavam serem vistos socialmente, como as referências. Não admitia nenhuma prática contrária às suas diretrizes, perseguindo qualquer manifestação religiosa diferente da sua. (Mattos 2010). O Brasil apresentava um número muito elevado de negros que não podiam exercer suas práticas religiosas, tanto é que para isso utilizaram do sincretismo religioso, que se iniciou durante a chegada deles ao Brasil na condição de escravos, mesmo estando sujeitos à conversão ao catolicismo.

Acontecia durante a chegada dos negros ao território brasileiro os primeiros focos de intolerância, mas não eram comparadas as perseguições que acontecerão durante toda a história brasileira, desde a descoberta do novo mundo à introdução da República brasileira, e posteriormente durante o período de Ditadura Militar. Tanto é que destacamos uma parte do trabalho de Verger em seu livro “ORIXÁS, 1981”, onde ele destaca como se estruturou este processo,

As convicções religiosas dos escravos eram, entretanto colocadas a duras provas quando de sua chegada ao novo mundo, onde eram batizados obrigatoriamente “para a salvação de sua alma” e deviam curvar-se às doutrinas religiosas de seus mestres. (VERGER 1981. p14.)

O batismo e a submissão às doutrinas da religião do colonizador representam bem a intolerância religiosa dessa época e como ela se passou até os dias de hoje, sempre tendo como inferior tudo que deriva da cultura do colonizado ou escravizado.

Essa marginalização e menosprezo da religião nativa, e negra eram justificados pelo simples fato de associá-los a seres sem alma que estariam mergulhados nas trevas por praticarem feitiçarias e bruxarias, onde o catolicismo iria salvá-los, para os portugueses eles estavam fazendo um grande favor, pois estariam dando a oportunidade dos negros converterem-se e assim alcançarem a salvação. Essa era a justificativa dos colonizadores para

impor-lhes a religião católica e marginalizar a cultura religiosa dos que aqui chegaram na condição de escravo. Também podemos destacar esse trecho de (Verger 1981 p.14) onde ele diz: “Vê-se, assim como cuidados os negreiros, professando as mais diversas formas de monoteísmo, tentavam “salvar” as almas dos africanos, mergulhados nas “trevas” da idolatria.”

Seguindo uma reflexão sobre o que o autor analisou a respeito da tentativa de salvar a alma dos africanos porque estavam mergulhados nas trevas exteriores, percebemos que tudo o que derivasse do negro, estaria encharcado de pecado, e heresia. Tanto que as perseguições ocorridas durante o período da República mais precisamente na primeira metade do século XX durante o início da década de 20 acontecem com a finalidade de erradicar qualquer tipo de manifestação cultural advinda do negro (Mattos 2010 e Souza 2010), podemos destacar na passagem abaixo, aspectos que sustentam esta reflexão.

(...) no contexto das perseguições generalizadas às manifestações culturais da população escravista, o que engloba a capoeira, as danças e batuques. Nesse período essas expressões são perseguidas devido ao entendimento do escravo como ser inferior, portanto, as suas expressões mais próximas de demonstração de bestialidade, imoralidade e barbarismo, do que de qualquer noção civilizada de cultura. (MATTOS, 2010).

Com a cultura afrodescendente sendo tratada como algo pecaminoso, herege, inferior e associada ao barbarismo. Todas as suas expressões também receberam essa carga pejorativa e racista. O combate a todas as manifestações, expressões e principalmente, a religiosidade representada pelo Candomblé. Uma religião de resistência, que apesar de todas as tentativas de erradicação dos traços negros, a fim de torná-lo um ser sem emoções, sem cultura, tendo apenas a força de trabalho para oferecer ao modelo escravista como diz Ribeiro em seu livro *O povo brasileiro a formação e o sentido do Brasil*,

“A empresa escravista, fundada na apropriação de seres humanos através da violência mais crua e da coerção permanente, exercida através dos castigos mais atroz, atua como uma mó desumanizadora e desculturadora de eficácia incomparável. Submetido a essa compreensão, qualquer povo é desapropriado de si, deixando de ser ele próprio, primeiro, para ser ninguém ao ver-se reduzido a uma condição de bem semovente, como um animal de carga; depois, para ser outro, quando transfigurado etnicamente na linha consentida pelo senhor, que é mais compatível com a preservação de seus interesses.” (RIBEIRO 1995, p. 118).

Analisando este destaque do livro de Ribeiro (1995), percebemos como o processo de desumanização era fundamental no Período Colonial, com ele o negro deixaria de se imaginar como um ser humano, capaz de ter seus sonhos, e convicções de vida, era tratado como um animal, para que assim aceitasse a condição na qual estava submetido, mas a religiosidade fazia com que se reencontrassem dentro de si próprios. Os interesses do seu senhor deveriam ser preservados, pois a religiosidade adotada por ele abominava toda e qualquer manifestação religiosa diferente do catolicismo.

UM CASO A SER REFLETIDO

Na obra de Gilberto Freyre “*Casa-Grande & Senzala*”, nas páginas 405 e 406, temos a comprovação de que esses aspectos de bruxarias e feitiçarias que a Igreja Católica como todos os católicos tradicionais do Brasil associaram as religiões de matriz africana são advindas da presença de bruxas e feiticeiras vindas de Portugal para o Brasil. Onde suas práticas de satanismo sofreram influências da religiosidade negra.

“A frequência da feitiçaria e da magia sexual entre nós é outro traço que passa por ser de origem exclusivamente africana. Entretanto, o primeiro volume de documentos relativos às atividades de Santo Ofício no Brasil registra vários casos de bruxas portuguesas. Suas praticas podem ter recebido influencia africana: em essência, porém foram expressos do satanismo europeu que ainda hoje se encontra entre nós, misturado á feitiçaria africana ou indígena. (FREYRE, p. 405,406)

Ou seja, as práticas religiosas tanto ameríndias quanto africanas não cultuavam nenhum espírito maligno, apenas espíritos que são associados à força da natureza, os quais são responsáveis pelo equilíbrio existente na terra, sempre unificando e aproximando o homem ao meio que o cerca. A malignidade europeia que chega ao Brasil encontrarmos costumes religiosos dos afrodescendentes e ameríndios um espaço propício para a implementação desses hábitos demoníacos. Ainda no livro de Freyre destacamos estes registros que nos comprovam as bruxas vindas de Portugal e quais eram as suas relações com o satanismo europeu, como por exemplo,

“Antônia Fernandes, de alcunha Nóbrega, dizia-se aliada ao diabo: as consultas, quem respondia por ela era “certa cousa que falava, guardada num vidro.” Magia medieval do mais puro sabor europeu. Outra portuguesa Isabel Rodrigues, ou boca-torta, fornecia pós miríficos e ensinava orações fortes. A mais célebre de todas Maria Gonçalves, de alcunha Arde-lhe-o-Rabo, ostentava as maiores intimidades com o diabo. Enterrando e desenterrando botijas, os bruxedos de Arde-lhe-o-Rabo ligavam-se quase todos a problemas de impotência e esterilidade. A clientela dessas feiticeiras colônias parece que era quase exclusivamente de amorosos, infelizes ou insaciáveis”. (FREYRE, p. 406)

A associação de práticas de bruxarias com as práticas afro-religiosas e ameríndio-religiosas mancharam a religiosidade tanto do afrodescendente quanto do ameríndio. Dai temos, as justificativas pelas quais a Igreja Católica condenava todas e quaisquer formas de religiosidade que não pertencesse e nem aceitasse os dogmas impostos por ela. Condenando e perseguindo para dar um fim a essas práticas que manchavam e corrompiam o espírito do homem cristão.⁵

O preconceito, a marginalização, criminalização e racismo presente nas perseguições refletem-se na criação de leis que condenava todo e qualquer espaço afro-religioso com a alegação de que naquele determinado local aconteciam rituais de magia negra, as quais poderiam causar mortes, ou trazer doenças, como alega Oliveira em seu artigo, dizendo que:

“Atribuía-se a determinadas pessoas o poder de causar o mal, doenças ou até mesmo a morte a outras, e isto, da mesma forma que trouxe fama para os sacerdotes e ampliou o numero de adeptos nos cultos afro-brasileiros, serviu também como motivação para a atuação repressora de juízes, promotores, advogados e policiais a tais cultos.” (2012, p 15)

Na Bahia durante a década de 20, Os jornais “A Tarde” e “Diário de Notícias” tiveram posições de participação no processo de incentivo das perseguições, aos cultos afros, por noticiar e incentivar com frequência as perseguições policiais aos terreiros de candomblé na Bahia.

“O Jornal A Tarde, de propriedade de Ernesto Simões Filho, político cachoeirano que posteriormente iria tornar-se um dos principais opositores de Vargas, mas que

⁵Durante o período do Santo Ofício que se inicia no século XIII com seu término no século XVIII. A Igreja Católica perseguiu, matou e condenou diversos segmentos religiosos, com a alegação de que todas praticavam atos de heresia, que iam contra os ensinamentos de Deus. Dessa forma a religião Wicca também sofre essa marginalização e demonização, segundo as concepções judaico-cristãs adotadas pela Igreja Católica.

naquele momento é partidário e entusiasta de Seabra, vai ser o principal órgão condutor dessa campanha noticiando quase que diariamente o ataque da polícia aos terreiros, a prisão de chefes e membros do culto, a destruição e apreensão de objetos sagrados.”(OLIVEIRA,2012, p 8).

Como percebemos um dos maiores veículos de comunicação e propagação de incentivo as buscas pelos terreiros de candomblé e perseguição aos adeptos dessa religião durante a segunda década do século vinte e posteriormente, foram os jornais “*A Tarde*” e “*Diário de Notícias*” na Bahia.

Diversos casos de arrombamentos, perseguições e agressões que aconteceram durante o início da jovem república, onde terreiros foram completamente destruídos, com a alegação que os mesmos eram locais de atividades maliciosas, com o intuito de praticarem atos de curandeirismo indo contra as leis de higienização, como OLIVEIRA (2014) traz em seu trabalho o Art.158 da constituição brasileira de 1890, ministrar, ou simplesmente prescrever, como meio curativo para uso interno ou externo, e sob qualquer forma preparada, substância de qualquer dos reinos da natureza, fazendo, ou exercendo assim, o ofício do denominado curandeiro.

Com a utilização do sistema de justiça para perseguirem as religiões de matriz africanas e o uso dos jornais da época para difundirem o ódio e o incentivo a intolerância contra os afro-religiosos perpassou nossa história. Hoje temos diversos casos de extremismo contra o povo de santo que são noticiadas rapidamente pelas mídias de comunicação como os telejornais e websites, devido a acessibilidade do público essas informações a TV aberta, tornou-se um dos maiores propagadores desse ódio, como percebemos no ano de 1995 onde o pastor evangélico da Igreja Universal do Reino de Deus, Sergio Von Helde praticou um ato de fanatismo e ignorância religiosa, sendo transmitida durante um programa de televisão da Rede Record de televisão—*ODespertar da Fé*. SOUSA, (2012).

3 RELIGIOSIDADE AFRO, ESCOLA E INTOLERÂNCIA

O que a escola pode e deve fazer é comparar criticamente e interpretar os fatos também religiosos nos seus contextos históricos. Assim, religião não se ensina propriamente, mas se deve refletir sobre esse fenômeno na escola. Mesmo porque, os sentidos e sentimentos religiosos sempre influenciam as nossas relações humanas e interpessoais, sejam de produção, de parentesco e política, de palavra ou interpretação. De modo que o ensino religioso tem uma legislação cada vez mais clara e deve contribuir numa tradução pedagógica aos estudos de religião, numa sequência cognitiva que respeite as características próprias dos educandos em cada série, através de eixos curriculares como humanidade e místicas, conhecimentos religiosos (textos, símbolos e culturas), práticas espirituais (espaços e templos sagrados, éticas das tradições religiosas e filosóficas).(ARAGÃO, 2015).

Tratar as análises de cada religião como patrimônio cultural da humanidade faz com que o ensino seja verdadeiramente laico, assim como se espera de uma nação que do ponto de vista legal é laico, segundo a *Constituição*⁶. Dessa maneira as pesquisas e descobertas sobre as mais diversas formas de religiosidades presentes no mundo vão expressar as convicções e

⁶Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes: VI - é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias; VII - é assegurada, nos termos da lei, a prestação de assistência religiosa nas entidades civis e militares de internação coletiva; VIII - ninguém será privado de direitos por motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política, salvo se as invocar para eximir-se de obrigação legal a todos imposta e recusar-se a cumprir prestação alternativa, fixada em lei; (BRASIL, 1988).

crenças em determinado templo ou materiais sagrados em seus espaços religiosos, sempre situando tempo e espaço. Cabe à comunidade educativa refletir sobre as diversas experiências religiosas a cerca do seguimento religioso, analisar o papel dos movimentos e tradições religiosas na estrutura e manutenção das culturas, rompendo com relações de poder que encobrem e naturalizam discriminações e preconceitos. “Cabe à escola refletir sobre o fenômeno humano de abertura para a transcendência em busca de interpretações mais universais e significados mais profundos para o que é experimentado como sagrado em cada cultura.” (ARAGÃO 2015p. 152).

Segundo MARQUES e NOVAIS (2015), Dar ênfase nos fenômenos transcendentais existentes em cada religião lhes garantirá um olhar reflexivo capaz de minimizar ou até mesmo romper o processo de discriminação e racismo religioso embasado pelo preconceito, a aproximação do Candomblé dentro da sala de aula é fundamental, pois assim eles serão capazes de compreender as ideologias e filosofias de vida presentes nessa religião, os valores pelos quais o povo de santo luta para que sejam conhecidos, mas que infelizmente não encontram espaço para isso.

Em intervenção pedagógica na escola *EREM SENADOR VITORINO FREIRE*, no dia 30 de Abril de 2015, com a temática diversidade e tolerância religiosa, tratamos das religiões que se encontram presentes no Brasil, como o Cristianismo, Judaísmo, Islamismo, Budismo e as religiões de Matriz Africana. O grupo era formado por cinco pessoas tendo como supervisor o professor Juscelio Alves Arcanjo e coordenadora a professora Maria do Carmo Amaral. Nesta intervenção cada um ficou responsável por falar sobre as referentes religiões, dessa forma as religiões afro-brasileiras ficaram sobre nossa responsabilidade, onde percebeu-se o preconceito com relação às religiões de matrizes africanas e intolerância por parte de alguns, alunos e professores.

Essa foi a nossa primeira intervenção na escola, diferentemente dos demais integrantes do grupo que já estavam atuando desde 2012, com nossas pesquisas feitas para poder explicar sobre a origem das religiões afro-brasileiras, suas filosofias e valores e o que mais nos chamou a atenção, foi a grande marginalização, discriminação e demonização que estas religiões veem sofrendo com o decorrer do tempo devido à falta de conhecimento da sociedade brasileira.

Levamos essa reflexão para os alunos durante nossa intervenção, ao falarmos sobre as religiões e suas filosofias e valores que as mesmas defendem, ficou claro que nenhuma delas prega a maldades de qualquer tipo, a discórdia, o ódio, a inveja. Enfim, todas servem para ensinar o homem a viver em aproximação com o seu semelhante, com o meio que o cerca.

A partir dessa reflexão, os alunos perceberam que a existência do mal esta muito próxima – dentro de nós, e que devemos buscar a harmonia, para que assim não haja exclusões, atos de violência e tudo que separa o homem da sua essência primária.

Em suma, a diversidade religiosa que encontramos no Brasil deveria servir de ensinamento de como ser tolerantes perante as diferenças de crenças, cultos e devoções. Durante as pesquisas para a intervenção nos encontramos na obrigação de levar essa discursão para a sala de aula, para que os alunos possam agir conforme seus próprios pensamentos críticos e reflexivos, para não ocorrer à exclusão, construção de preconceitos e nas piores hipóteses, casos envolvendo atos de intolerância.

4 CONCLUSÃO

A partir do levantamento dos dados para encontrarmos a resposta decomo o processo de construção histórico do preconceito afro-religioso na sociedade brasileira se materializa, constatamos queos casos de intolerância afro-religiosa, são ligados diretamente à má

interpretação das simbologias e as características marcantes do Candomblé, que acabam sendo demonizadas, partindo de uma perspectiva judaico-cristã.

Com a experiência vivenciada durante as intervenções do PIBID, percebemos como os adolescentes não conhecem essa religião e acabam formando seu próprio pré-conceito sobre ela. Gerando casos de intolerância e racismo religioso atribuindo-lhe a característica de rituais satânicos. Percebe-se também que os espaços direcionados durante as aulas de história para tratar da temática cultura africana e afro-brasileira, deixam de trazer a afro-religiosidade como tema a ser estudado.

Percebeu-se também, que perante os espaços voltados nas aulas de história para tratarem de temáticas africanas, o desinteresse de professores em pesquisarem para assim conhecer o candomblé, para que nesse caminho o racismo, preconceito e intolerância contra os afro-religiosos sejam diminuídos.

Sendo assim, conhecer a diversidade religiosa presente no Brasil se faz necessário, pois diante da nossa diversidade cultural, étnica e religiosa devemos ter respeito pela religião do próximo e o que é considerado sagrado para ele ou não. As escolas assumiram o papel principal, de tentar diminuir ou até mesmo excluir o proselitismo cristão presente em nossa sociedade, uma vez que o estado brasileiro é laico segundo a nossa constituição de 1988. Consistir nessa ideia de utilizar o espaço educacional como campo para englobar questões diversificadas referentes a debates trans-religiosos sem fugir das perspectivas culturais de seus alunos, ao tratar todas sem que haja diferenciação, e diminuição de valores de crenças.

A maldade existe e esta presente nas nossas ações e dentro do coração do homem, a religião seja ela qual for não faz apologia à maldade em seus ensinamentos religiosos, filosóficos e sociais. Apenas pregam a união do homem ao seu melhor exemplo de perfeição, refletindo na transcendência espiritual que nos levará a alcançar o descanso eterno.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, Felipe. **Nº de denúncias de intolerância religiosa no Disque 100 é maior desde 2011.** Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2016/01/21/n-de-denuncias-de-intolerancia-religiosa-no-disque-100-e-maior-desde-2011.htm>
- ALMEIDA, Ronaldo de.e Monteiro, Paula. **TRÂNSITO RELIGIOSO NO BRASIL, 2007.** Disponível em: http://www.cebrap.org.br/v2/files/upload/biblioteca_virtual/MONTERO_ALMEIDA_Transito%20Religioso%20no%20Brasil.pdf
- ARAGÃO, Gilbraz. **DA INTOLERÂNCIA RELIGIOSA AO DIÁLOGO TRANS-RELIGIOSO, 2015.** Disponível em: <http://www.unicap.br/observatorio2/wp-content/uploads/2015/11/texto-para-Hist%C3%B3ria.pdf>
- FREIRE, Gilberto. **CASA GRANDE E SENZALA**, ed. 49 São Paulo -2004.
- MARQUES, Juraci e NOVAES, Joaquim. **CANDOMBLÉ E UMABNDA NO SERTÃO: CARTOGRAFIA SOCIAL DOS TERREIROS DE PETROLINA/PE E JUAZEIRO/BA**, Bahia: SABEH2015.
- OLIVEIRA, Ilzver de Matos. **PERSEGUIÇÃO AOS CULTOS DE ORIGEM AFRICANA NO BRASIL: O DIREITO E O SISTEMA DE JUSTIÇA COMO AGENTES DA (IN)TOLERÂNCIA**, 2014. Disponível em: <http://www.publicadireito.com.br/artigos/?cod=13d83d3841ae1b92>

RIBEIRO, Darcy. **O POVO BRASILEIRO A FORMAÇÃO E O SENTIDO DO BRASIL**, São Paulo: Companhia das Letras, 2º Ed. 1995.

SILVA, Francisco Thiago. **CANDOMBLÉ IORUBÁ: A RELAÇÃO DO HOMEM COM SEU ORIXÁ PESSOAL**, 2013. Disponível em:

<http://revistas.pucsp.br/index.php/ultimoandar/article/view/13984>

SILVA, Vagner Gonçalves. **NEOPENTECOSTALISMO E RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS: SIGNIFICADOS DO ATAQUE AOS SÍMBOLOS DA HERANÇA RELIGIOSA AFRICANA NO BRASIL CONTEMPORÂNEO**, 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132007000100008

SILVEIRA, Tatetú N'InkisiSérgio. **CANDOMBLÉ: UMA RELIGIÃO MONOTEÍSTA OU POLITEÍSTA?.CANDOMBLÉ E UMBANDA - ABASSÁ LAMBANRANGUANGE - SÃO PAULO**, 2010. Disponível em: <http://odemutaloia.blogspot.com.br/2010/05/candomble-uma-religiao-monoteista-ou.html>

SOUZA, VANDERLÚCIO. **FAZ 17 ANOS DO “CHUTE NA SANTA”**, 2012. Disponível em: <http://blog.opovo.com.br/ancoradouro/faz-17-anos-do-chute-na-santa/>

VERGER, Pierre Fatumbi. **ORIXAS, DEUSES IORUBÁS NA ÁFRICA E NO NOVO MUNDO**, Rio de Janeiro: Corrupio 1981.